

A ESCOLA NO TÚNEL DO TEMPO: IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E EFEITOS DE SENTIDO EM CHARGES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE ONTEM E DE HOJE

Eveline Coelho Cardoso

Prof.^a Dr.^a Rosane Santos Mauro Monnerat

Teses recentes

RESUMO: A tese sintetizada nesta proposta de comunicação resulta de uma pesquisa que se dedicou a investigar a manifestação textual de imaginários sociodiscursivos sobre a educação brasileira contemporânea, desde sempre associada a um cenário de descaso e crise. A Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, concebida por Patrick Charaudeau (2004; 2008; 2010), foi o fundamento teórico desta pesquisa, que elegeu como *corpus* a materialidade verbo-visual de um grupo de charges publicadas entre os anos de 2007 e 2015. O critério de seleção dos textos foi a evidência de uma comparação entre o contexto passado e o atual da realidade educacional do Brasil, isto é, a construção de um retrato do passado pelo viés do presente. Partimos do pressuposto de que o enunciador-chargista encena o seu discurso, submetendo-se a um contrato comunicativo midiático, cujas restrições e liberdades lhe permitem elaborar um *acontecimento comentado* filtrado, por sua vez, por sistemas coletivos de representações. A visada predominante na construção dessa espécie de “crônica jornalística verbo-visual” é a de *captação*, cujo objetivo é atrair o leitor mais do que informá-lo, recorrendo, para tanto, a estratégias geradoras de efeitos de humor e de *pathos*. A Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2013; JODELET, 2001), a Semiótica da imagem visual (SANTAELLA, 2012; DONDIS, 1997) e dos Quadrinhos (MCCLLOUD, 2005; BARBIERI, 2017) e os estudos do Humor (BERGSON, 1987; FREUD, 1996) também subsidiaram a investigação, colaborando para a projeção de uma grade analítica para o gênero charge. Neste recorte – que trará à cena uma peça do chargista paranaense Ademir Paixão – esperamos demonstrar a aplicabilidade desse instrumento analítico, evidenciando, ao mesmo tempo, a essência do imaginário educacional brasileiro

traduzido no *corpus* estudado: um contraste entre tradição e modernidade, que propõe ao leitor lugares patêmicos de nostalgia e indignação.

PALAVRAS-CHAVE: Semiolinguística, charge, imaginários sociodiscursivos, verbo-visualidade, educação.

Introdução

No dia 20 de setembro de 2018, a mídia e as redes sociais deram amplo destaque a um vídeo que mostrava alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental do Ciep Mestre Marçal, em Rio das Ostras (RJ), protagonizando uma série de humilhações e agressões, inclusive físicas, contra o professor Thiago dos Santos Conceição, enquanto este aplicava uma avaliação em sua aula. No contexto social brasileiro, embora o professor seja, em geral, caracterizado como um profissional de respeito, são muito recorrentes os relatos de situações de desrespeito desse tipo e de outros, por parte de alunos e também de responsáveis e governos, que culminam em não poucas greves e manifestações por melhores condições de trabalho no magistério.

Essa realidade ambígua que vivemos na pele diariamente há mais de dez anos é o que nos move a uma investigação sobre o universo de crenças, opiniões, imagens, metáforas e ideologias concernentes à educação no Brasil, com foco em sua expressão na esfera de comunicação midiática, concebida como um espelho dos vínculos sociais (CHARAUDEAU, 2010). Nosso objeto de estudo é o discurso verbo-visual de onze chargistas contemporâneos, que nos revelam, em seu traço-texto, uma comparação entre o passado e o presente educacional brasileiro permeada por uma atmosfera de humor e crítica, cujos mecanismos estruturantes e efeitos de sentido interessa-nos descrever.

A charge é um gênero discursivo jornalístico que se distancia da objetividade e da imparcialidade que regem outros gêneros desse domínio, como a notícia. Tem na opinião a sua base, e se constrói exatamente a partir da exploração do que poderia ser negativo em outros contextos da mídia: a subjetividade e o exagero. Para Teixeira (2005), a charge representa um pouco de loucura no excesso de razão da comunicação cotidiana. Mais do que informar, a visada discursiva predominante na elaboração desse gênero gráfico é a captação.

Baseada na criação caricatural e comprometida com conhecimentos e imagens cristalizadas de determinados tipos sociais, as charges funcionam como um registro claro de pontos de vista e representações sociais de um determinado momento histórico, dos quais o chargista se torna porta-voz. Sendo assim, tanto o processo de produção desse gênero quanto sua recepção devem-se apoiar nesse conhecimento compartilhado socialmente, o qual fica, na maior parte desses textos, implícito no que é dito e mostrado, configurando a sua “carga” de ideologia e opinião.

Partindo do pressuposto de que encontraríamos, em nosso *corpus*, um contraponto entre o universo passado da educação brasileira, descrito a partir de um olhar saudosista positivo, e o universo presente, organizado em torno de referências mais negativas e dramáticas; estabelecemos o objetivo principal de investigar, pelo viés da Semiolinguística, de Patrick Charaudeau, os mecanismos linguísticos e discursivos empregados na construção verbo-visual de imaginários sobre a educação que os chargistas projetam ter existido no passado, em comparação com a que testemunham existir na atualidade.

Outros objetivos se articularam ao principal, quais sejam, em suma: compreender a construção das charges como gênero discursivo no domínio do discurso midiático; investigar os mecanismos verbo-visuais de expressão dos imaginários sociodiscursivos nos textos selecionados e examinar quais imaginários são construídos sobre o universo da educação nos textos em foco; e, finalmente, estruturar uma grade metodológica de leitura de charges que evidencie os níveis de construção desse gênero, seus recursos verbo-visuais e possíveis efeitos de sentido deles decorrentes.

No curto espaço de que dispomos para relatar os resultados de nossa tese, seguiremos o seguinte percurso: no item a seguir, mencionaremos os eixos teóricos principais que nortearam a pesquisa; na sequência, descreveremos brevemente o caminho metodológico que orientou a análise e examinaremos uma peça do chargista paranaense Ademir Paixão, pondo em evidência a aplicabilidade da metodologia escolhida. Por fim, traremos algumas conclusões obtidas ao término do trabalho, elencando as obras bibliográficas mais importantes que a fundamentaram.

Fundamentação teórica

Posicionado em um espaço de interseção entre a preocupação com a forma e também com o sentido, Charaudeau (2014) defende que a linguagem é mobilizada por sujeitos concretos e historicamente situados, que, engajados em práticas cotidianas constantes de troca linguageira, constroem mutuamente sentidos para o seu dizer. Considera-se, pois, nas bases da pesquisa aqui descrita, que os sentidos se projetam, nos textos, do nível linguístico (formal, estrutural) ao nível discursivo (situacional, intertextual) e vice-versa por meio da enunciação, que controla e coloca em cena os interlocutores munidos de seus projetos de fala, estabelecendo um elo entre esses dois níveis de análise.

Pensando na **charge como gênero discursivo**, conforme Teixeira (2005) podemos aproximá-la de um editorial meio às avessas, pois se coloca contra a seriedade que marca o tom e a escrita do próprio jornal onde se expressa. É assim, diz o autor, que a “loucura” da charge equilibra o “excesso” de razão que marca a comunicação contemporânea em geral, a favor de que sua multimodalidade também se coloca, provocando experiências mais condensadas e polissêmicas de leitura em um espaço que costuma ser predominantemente verbal.

As charges têm origem na iconografia medieval e no jornalismo ilustrado dos séculos XVIII e XIX e sua aparição no Brasil se confunde com a das histórias em quadrinhos. Segundo Teixeira (2001), os desenhos de humor com teor de crítica social são pioneiros em nosso país, pois já circulavam em 1860 na revista *Semana Ilustrada*, criada por Henrique Fleiuss. Com o tempo, tais ilustrações evoluem de um instrumento meramente ilustrativo das elites para um importante veículo público de opinião, ganhando forte caráter político e questionador na modernidade e ampla divulgação em diversos meios de comunicação midiática.

Ao contrário do cartum, a charge é bem marcada temporalmente e tem no texto verbal, por vezes, o seu elemento acessório, ao passo que a linguagem imagética é a sua possibilidade maior de delírio e captação. É por meio da imagem que a charge desenha o seu enredo e dramatiza a realidade. Por outro lado, embora utilize muitas vezes a sua técnica, diferente da caricatura – que promove a representação de um sujeito particular – a charge se apoia no sujeito real para criar o seu outro, em uma relação paradoxal de

diferença: “quanto mais se afasta da realidade, mais realidade contém, ou quanto mais falsa a sua forma, mais verdadeiro o seu conteúdo” (op. cit., p. 54).

Do ponto de vista semiolinguístico, conforme Charaudeau (2010), as charges estão submetidas a um **contrato comunicativo midiático**, no limite da criação de um *acontecimento comentado*, uma vez que, por sua natureza irreverente e apoiada no humor e na ironia, não descrevem ou narram os fatos de maneira estática, mas imprimem claramente uma visão de mundo em sua representação. O enunciador das charges é um profissional das artes gráficas ou apenas um leitor crítico de sua contemporaneidade com muito talento para desenhar, que acaba se integrando ao universo jornalístico, filiando-se à linha editorial defendida pelo veículo no qual publica seus trabalhos.

Na produção/interpretação das charges, trava-se uma parceria entre as instâncias de produção e de recepção baseada em uma relação de ressonância: cada um dos parceiros só pode sintonizar-se com o outro por meio do acesso a representações supostamente compartilhadas, as quais, dramatizadas e levadas pelos discursos, circulam por entre os membros de uma determinada comunidade cultural e vão ecoando mais e mais em sua fala, em sua visão de mundo e em suas práticas. Conforme Charaudeau, é assim que o contrato de informação midiático gera um espaço público de informação e, em seu próprio quadro, constrói a opinião pública, que é, portanto, atravessada por projeções de imagens cristalizadas de sujeitos e acontecimentos capazes de captar aquele que se informa.

A materialidade da charge é elaborada a partir da **integração entre o signo verbal e o visual**, que se complementam de modo a formar um todo coerente e indivisível. Assim como os signos verbais, também os signos icônicos articulam um conjunto de sentidos de discurso, que vão do reconhecimento superficial e perceptivo das imagens à interpretação efetiva de traços simbólicos e culturais determinados pelas circunstâncias de discurso e pelo contrato comunicativo. O reconhecimento eficiente desse conjunto de sentidos está além da mera compreensão do visual perceptivo, e envolve estratégias de leitura do texto imagético que permitam alcançar os sentidos de discurso.

Como as HQs, as charges consolidam-se, pois, como arte tão subtrativa quanto aditiva, uma vez que seu traço se equilibra entre as liberdades primordiais de omitir e acrescentar (MCCLLOUD, 2005; EISNER, 1995; BARBIERI, 2017). O chargista aposta todas as fichas nos saberes e experiências de seu cúmplice silencioso – o leitor, fazendo das lacunas de seu texto verdadeiras jazidas de tesouros imaginários. Evidencia-se, assim,

que o sentido é um fenômeno discursivo múltiplo, totalmente dependente da interação comunicativa, e que ler implica ir além da decodificação do sentido explícito da/na língua em busca do entendimento do sentido implícito do/no discurso, no qual ficam ocultas **informações pressupostas e subentendidas** e as intenções de um enunciador movido por suas crenças e imaginários.

Para os objetivos que nos propomos, voltados para as representações que se criam em torno da educação, é preciso considerar a **dimensão das emoções no discurso**, que fundamenta as estratégias de captação predominantes no contrato comunicativo da charge. É a partir das restrições desse contrato – que sobredeterminam a produção/recepção dos discursos – que os sujeitos constroem/interpretam imagens de si mesmos e planejam a mobilização de efeitos patêmicos, os quais são mapeáveis na materialidade textual por meio das escolhas verbais e não verbais e se entrelaçam com as crenças e representações sociodiscursivas latentes em toda a troca linguageira.

Na visão de Jodelet (2001, p. 22), tais **representações sociais** são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. São sistemas de representação, fenômenos cognitivos que ligam os sujeitos aos objetos, regendo sua relação comunicativa com o mundo e com os outros e organizando suas condutas (MOSCOVICI, 2013). Daí serem chamadas por Charaudeau (2007) **imaginários sociodiscursivos**. Trata-se de um fator decisivo para pensarmos a charge como um texto “carregado” de referências sociais e culturais, que extrapolam a dimensão verbal e icônica aparente dos signos e explodem em **efeitos de pathos e de humor** – essência desse gênero gráfico.

Orientação metodológica

O instrumento que orientou a análise de nosso objeto de estudo foi uma grade metodológica elaborada a fim de instrumentalizar a interpretação das “camadas” da charge, considerando os três níveis de construção textual e discursiva de um gênero propostos por Charaudeau (2004) e levando em consideração as parcelas verbal e visual, cada uma com suas idiossincrasias. Tais níveis são o **situacional**, que contempla os sujeitos e suas relações e identidades; o **discursivo**, que corresponde a um “como dizer?”, apoiado em comportamentos do enunciador, modos de organização do seu discurso e

também em saberes, imaginários e estereótipos partilhados; e o nível **formal** ou **semi linguístico**, com foco nos arranjos verbais e visuais mais superficiais do texto, levando em conta as diferenças entre essas duas manifestações sgnicas.

Paralelamente aos três níveis citados, contemplamos o exame mais detido dos dados paratextuais, fundamentais à charge enquanto gênero discursivo, e descrevemos, também, os efeitos pretendidos de humor e de pathos, a razão de ser e a culminância de todo o projeto intencional do chargista.

Uma peça em análise: “E o salário, ó!”

O TEXTO em estudo foi criado pelo cartunista Ademir Paixão, que desenha para o jornal impresso *Gazeta do Povo* (PR) desde 1957. A peça foi publicada na *Gazeta* e no *site* Humor Político, no dia 15/10/2013, dia dos professores. A versão impressa aparece na página dois do referido periódico, na sessão de Opinião, entre dois outros artigos que tematizam a docência no Brasil.

O texto trata da questão salarial dos professores, e, em segundo plano, menciona uma cena de violência protagonizada pela Polícia Militar. Para compreendê-la, é preciso ter em mente o contexto já descrito de diversas manifestações de docentes ocorridas em meados de 2013 e que tiveram um desfecho marcante no Rio de Janeiro, no início de outubro desse ano, em virtude de uma repressão violenta. Tal fato fundamenta o aspecto inesperado do acontecimento comentado, especialmente na data em que vem a público:

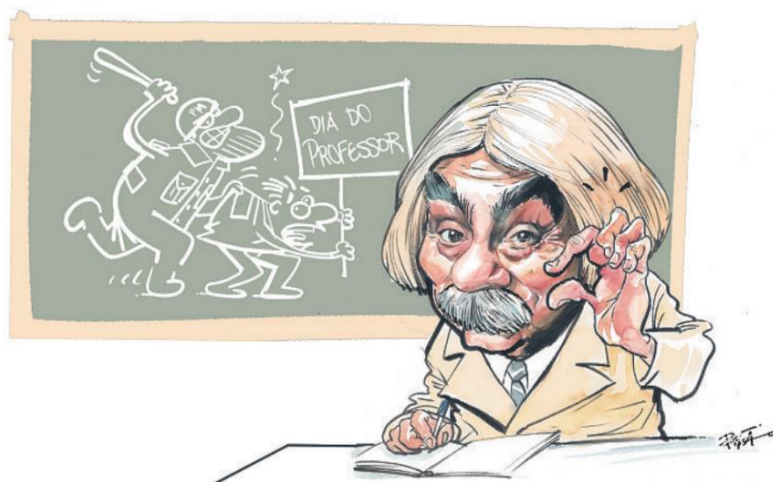


Figura 1 – Charge de Paixão, *Gazeta do Povo* (PR), 15/10/2013

O protagonista da dramatização é um conhecido personagem da televisão brasileira, o professor Raimundo Nonato, estrelado pelo humorista Chico Anysio no programa Escolinha do Professor Raimundo, que foi ao ar pela primeira vez na TV em 1957. Conhecido pelo gesto que indica pequenez, acompanhado do bordão “E o salário, ó!”, essa figura fictícia encarna a questão da remuneração dos professores em primeiro plano na charge.

Quanto à dimensão discursiva da charge, a legenda “Dia do professor” é amalgamada à imagem, sendo incluída nela sintaticamente, e compõe, nesse conjunto, a perspectiva subjetiva do chargista a respeito da data a que se refere. A alocação, que integra o contrato da charge, mostra-se, também, visualmente, no gesto do personagem em relação ao leitor, simulando uma interpelação direta.

O modo de organização do discurso da parcela verbal do texto obedece à orientação descritiva, servindo ao componente localizar/situar, que demarca a circunstancialidade da charge. A imagem disposta em primeiro plano também reforça o caráter descritivo, essencialmente por ser uma caricatura, de modo que coloca em cena o componente nomear/qualificar, que promove uma identificação do personagem por meio de sua deformação com fins humorísticos (FONSECA, 2000).

Mas há também uma dimensão narrativa na imagem em segundo plano, a qual constrói a imagem do professor como vítima em fuga do actante policial, que se coloca como agressor oponente em um processo de agressão. Tal imagem emite uma qualificação negativa da ação policial, que se liga à covardia e abuso de autoridade, e também da própria condição do professor, que é oprimido e digno de compaixão e solidariedade da parte do leitor.

Em uma dimensão argumentativa, o espaço de problematização na charge é organizado em torno da denúncia da perpetuação de uma realidade que era ruim no passado – desde Raimundo era professor – e se estende até o presente da mesma forma, manifesta no que podemos inferir como uma lógica de oposição, da seguinte forma: *Enquanto, no passado, o professor tinha baixos salários, no presente, além disso, é vítima da violência policial ao reivindicar seus direitos.*

A problematização apresentada no texto de Paixão também está ancorada em um saber de conhecimento que apoia a identificação do professor Raimundo e o simbolismo do gesto que faz na imagem. Vale mencionar, aqui, a metáfora ontológica segundo a qual

MENOS É PARA BAIXO, ao passo que MAIS É PARA CIMA (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 62), baseada na experiência humana de que a maior quantidade de uma substância em um recipiente acarretará um aumento de nível. Assim, o gesto de mostrar, na ponta dos dedos, o quão pequeno é o salário do professor demonstra uma metáfora visual desse conceito metafórico orientacional.

A escolha do personagem do Professor Raimundo também reproduz um estereótipo antigo do professor descrito como um homem idoso, sentado atrás de uma grande mesa diante do quadro-negro e munido de seu diário, no qual organiza suas arguições. Tal representação, que pode estar pautada em experiências pessoais de Paixão, contraria a realidade atual do contingente de mestres no Brasil, que é de maioria feminina. Contudo, serve à concepção de um espaço dramático favorável aos efeitos pretendidos de humor e de *pathos*, como veremos.

Quanto à dimensão formal da charge, sua pequena parcela verbal, integrada completamente à imagem, é formada por um único sintagma nominal – “Dia do professor”, que funciona como inscrição na placa carregada pelo personagem ilustrado em protesto – e em fuga. Trata-se de uma construção com valor adverbial fórico, cujos sentidos de discurso extrapolam a referência às circunstâncias de publicação da charge, uma vez que, apesar de remeterem a uma data específica conhecida dos leitores brasileiros, não determinam o ano.

Na parcela visual, a dimensão espacial da imagem se constitui de uma única cena, com enquadramento e ângulo de visão médio. Não há uma moldura, de modo que a charge projeta sua composição sincrética de forma atemporal no espaço onde está disposta, impondo sua iconicidade entre as muitas linhas verbais que a cercam. Quanto à dimensão temporal, o contraste entre passado e presente se estabelece no primeiro plano, em que a imagem do Professor Raimundo encarna uma realidade simbólica de pelo menos quatro décadas da educação brasileira que se estende até o presente; e no segundo plano, em que se revela a temporalidade paralela do presente, marcada pela cena da agressão policial aos professores, que também pressupõe certa duração narrativa.

Dessa forma, o tempo implícito do alude, verbalmente, ao dia 15 de outubro, dia dos professores, data de publicação da charge; contudo, expande-se verbo-visualmente por meio da condensação de dois outros períodos mais longos em uma única cena: o das manifestações em prol de melhores condições para o magistério, ocorridas dias/meses

antes da publicação da charge; e o período de décadas de exibição da Escolinha do Professor Raimundo, que se alonga até o momento contemporâneo do leitor. Por meio dessa referência, constatamos que a baixa remuneração da categoria docente é uma constante há tempos no Brasil.

Quanto à semiose icônica e plástica, a presença da versão caricatural de um professor fictício, conhecido em todo o Brasil há décadas, encerra não apenas uma referência específica ao personagem de Chico Anysio com fins humorísticos, mas também a simbolização de toda a nossa categoria docente no dia em que se homenageia sua profissão. Mais do que o efeito de humor descomprometido, originalmente associado ao personagem do Professor Raimundo, a charge visa a promover uma reflexão sobre as péssimas condições da carreira desde sempre – e piores na atualidade.

A organização topológica da imagem também fundamenta a dimensão temporal do texto, permitindo o contraste entre uma representação do passado da educação, que está mais à frente no texto, em primeiro plano, e à direita; e o presente, que está mais atrás no texto, em segundo plano, e à esquerda.

A esfera cromática do texto, marcada por tons pastel entre o amarelo, o bege e o branco, pode reforçar a composição de um cenário com cara de antigo e desgastado pelo tempo. É um recurso coerente com a tematização de um presente do passado e de um avanço do retrocesso na cena educacional brasileira. Além disso, segundo Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 42), o amarelo pálido, por seu valor simbólico, tem conotações ligadas à traição e à decepção.

Paixão também recorre à simulação do traço branco do giz no quadro-negro com linhas bastante moduladas e expressivas, que transmitem maior efeito de realidade. Ademais, note-se o emprego da estrela como índice de dor na cena da agressão do policial ao professor, que é um uso convencional no vocabulário dos quadrinhos, presente, inclusive, na prática linguística, a exemplo de: “Dei uma topada tão forte que vi estrelas”.

Quanto ao paratexto, a charge se situa na posição superior direita da página dois, uma das zonas mortas de visualização. É o único signo não verbal icônico na página predominantemente verbal, cumprindo, pois, nessa posição, o papel de aquecer o ambiente. O texto dialoga com a sessão intitulada “Sínteses”, disposta logo abaixo e anunciada na capa da edição e composta de dois artigos. Em um dos quais, o colunista

reflete sobre o alto índice de abandono da carreira do magistério e discute possíveis razões, de sorte que a charge de Paixão adere, intertextualmente, a esse discurso.

Além da intertextualidade da charge com o paratexto verbal, o diálogo intericônico de Paixão com a Escolinha do Professor Raimundo promove uma repetição viabilizada pelo choque entre as materialidades discursivas em jogo, provocando novos sentidos que definem e transformam o já-dito (MILANEZ, 2013, p. 353). Assim, o desenho expressivo e caricatural de Paixão se constitui *como* discurso, sabendo que nasce mergulhado na teia dialógica com o programa, com a Gazeta do Povo, com o site Humor Político e também com todo o interdiscurso em torno do qual gravita sua produção; e, ainda, constitui-se *com* o discurso, sabendo que, em si mesmo, esse desenho é interpretável e tem marcas próprias.

Algumas conclusões

Da análise dos níveis textuais da charge de Paixão, pudemos descrever efeitos de sentido emergentes do discurso humorístico inscritos em uma categoria irônica, que revela um personagem sorridente, mas que, por outro lado, enfrenta uma dura realidade cotidiana como profissional do magistério. O efeito dessa construção é o de uma convivência crítica (CHARAUDEAU, 2006), que capta o leitor para a denúncia de uma falsa aparência de alegria e comemoração no dia do professor, mostrando que não há motivos para comemorar em meio à violência e às péssimas condições de trabalho.

Efeitos patêmicos também emergem da construção de um lugar interpretativo para o leitor que o torne simpático com a figura estereotípica do Professor Raimundo, personagem que faz parte da memória afetiva de várias gerações de brasileiros. Ao mesmo tempo, sugere-se um lugar interpretativo de nostalgia, ancorado nessas memórias intericônicas, e também de indignação contra a realidade de violência e falta de investimento no magistério.

O estereótipo do velho professor sentado atrás de sua grande mesa para arguir a classe, exerce, aqui, uma polivalência: favorece a percepção do conhecimento, ao apresentar uma leitura já assimilada do real, e aproxima, com isso, os interlocutores por meio de uma visão de mundo comum (LYSARDO-DIAS, 2007). Seduzido, pois, por esse universo familiar, o leitor está pronto para aderir à proposta de solidariedade com todos

os “Raimundos” contemporâneos, que, olhando diretamente em sua direção, tentam sorrir, mesmo sem nenhum motivo, no seu dia.

Dessa forma, o chargista leva cabo o seu projeto intencional de captação do outro por meio da emoção e do humor que, mais do que fazer rir, deseja fazer refletir, chacoalhando as certezas do leitor, como bem descreveu o cartunista francês Plantu¹ a respeito do papel de sua arte.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. *O Riso*. Ensaio sobre a significação do cômico. Tradução da 375ª edição francesa por , publicada em 1978. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (Orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p.13-41.

_____. Des catégories par l’humour? In: *Revue Questions de Communication*. Nº 10. Presses Universitaires de Nancy, Nancy, 2006, p. 19-41. Disponível em: <<https://questionsdecommunication.revues.org/7688>> Acesso: 12 ago. 2017.

_____. Les stéréotypes, c’est bien. les imaginaires, c’est mieux. In: Boyer H. (Dir.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L’Harmattan, 2007. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les.html>>. Acesso: 10 nov. 2015.

_____. *Linguagem e discurso*. Modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso das Mídias*. Tradução por de Angela M. S. Corrêa. 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

¹ Apud SALLES, Diogo. Trágico e cômico: os protestos em charges. São Paulo: Primavera Editorial, 2014.

_____. Da linguística da língua à linguística do discurso, e retorno. Tradução por Bianca M. Q. Damacena e Fabiane V. Burlamarque. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 10, n. 2, jul./dez. 2014, p. 227-236. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/4155/3090>>. Acesso: 20 fev. 2015.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números*. Colab. André Barbault (et. al.), Tradução por Vera da Costa e Silva (et. al.). 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução por Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução por Luís Carlos Borges. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FONSECA, J. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FREUD, S. Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1969]. Col. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol. viii.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). *As representações sociais*. Tradução por Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução por Mara Sophia Zanotto (Coord.). Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LYSARDO-DIAS, D. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. In: *Stockholm Review of Latin American Studies*, Issue n.2,

november, Institute of Latin American Studies, 2007, p. 25-35. Disponível em: <[http://www.lai.su.se/polopoly](http://www.lai.su.se/polopoly_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SRoLAS_No2_2007.pdf)

[y_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SRoLAS_No2_2007.pdf](http://www.lai.su.se/polopoly_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SRoLAS_No2_2007.pdf)>

Acesso: 27 jun. 2017.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução por Helcio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 2005.

MILANEZ, N. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. In: *Acta Scientiarum*. Language and Culture. Maringá, v 35, n 4, Out-Dez, 2013b, p. 345-255.

SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. Editora Melhoramentos, Kindle Edition, 2012. Coleção Como Eu Ensino.

TEIXEIRA, L. G. S. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_LuizGuilhermeSodreTeixeira_A_historia_da_charge.pdf>. Acesso: 22 ago. 2015.

_____. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

Créditos das imagens

PAIXÃO, A. [Figura 1] 15 de out. de 2013. *Gazeta do Povo* (PR), p. 02.